



IX Simpósio Nacional de História Cultural  
**Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo**  
**1968 – 50 ANOS DEPOIS**  
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – MT  
26 a 30 de Novembro de 2018

**PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DE RONDONÓPOLIS:  
ORIENTAÇÕES DIDÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Sandro Ambrósio Alves<sup>1</sup>

**REFLEXÃO INICIAL**

*Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (BOSI, 1994, p.55)*

Ao caminhar pelas ruas de um dado espaço de convivência social, enquanto indivíduos que fazem parte do seu contexto, ou não, o olhar percorre, mesmo que sem intenção, os vários aspectos que tornaram o lugar como ele é. Sejam em uma comunidade cosmopolita, sejam em uma aldeia indígena, quilombola, em uma periferia ou outros lugares, o ‘olhar reflexivo’ percebe os aspectos econômicos, culturais, políticos, arquitetônicos e de memória. E mesmo que não se tenham reflexões sobre o lugar, é comum ouvirmos: “isso não deveria estar aqui” ou “para que serve isso? ” Ou ainda, “minha infância foi vivida neste lugar, quantas lembranças! ”, que servem como lampejos de uma memória que insiste em se manter viva.

---

<sup>1</sup> Professor de História da Escola Estadual Francisca Barros de Carvalho e Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: [sandrixproducoes2020@gmail.com](mailto:sandrixproducoes2020@gmail.com)

Isso porque, para essa reativação das lembranças individuais “... a pessoa precisa recorrer as lembranças de outras, e se transportar a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.” (HALBWACHS, 2003, p.72), tornando esses pontos de referência um importante sinal que pode trazer à memória eventos e espaços que marcaram, ou ainda marcam, uma coletividade e que está no indivíduo como parte desse coletivo, ou podem servir para serem questionados, quando os mesmos não são reconhecidos como pertencentes à memória coletiva.

E nos espaços urbanos, onde se nota a constante transformação e movimento, há o desenvolvimento de uma territorialidade, pois verifica-se uma relação que está para além do funcional nesses espaços, entre grupos sociais, que constitui-se o espaço vivido, onde “há uma relação de exterioridade do sujeito em relação ao espaço e uma ligação intrínseca com a subjetividade quando se fala em território [...] Não existe território sem um sujeito[...]” (ROLNIK, 1992, p.28), ou seja, o espaço constituído depende dos sujeitos e suas relações cotidianas nesse dado espaço.

Desta maneira, concebe-se que a cidade deve ser encarada como “ [...] um artefato, como um bem cultural [...] um artefato que pulsa, que vive, que permanentemente se transforma, se autodevora e expande em novos tecidos recriados para atender a outras demandas sucessivas e programas em permanente renovação. ” (LEMOS, 2013, p.48)

### **EXPERIÊNCIA DIDÁTICA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA**

A pretensão desse trabalho, concentrou-se na abordagem de estratégias didáticas no ensino de História, visando problematizar o trabalho em sala de aula e/ou saída de campo e os seus impactos na aprendizagem dos estudantes.

Analisei a experiência de pesquisa, com ações didáticas realizadas com estudantes do ensino fundamental do 3º ciclo de formação humana (7º anos A e B) de uma Escola Estadual em Rondonópolis-MT, e as narrativas dos estudantes durante todo o processo realizado. Tendo como foco o Patrimônio Cultural local em conexão com a História local, com intuito de, a partir dessas análises, produzir um material didático orientativo em formato de livro, como sugestão aos professores de História e demais disciplinas afins.

Para tanto, baseamos nossa proposta de análise na metodologia da Educação Patrimonial, a qual se fundamenta como “[...] a utilização de museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas – os lugares e suportes da memória – no processo educativo, a fim de desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e futuros cidadãos da importância da preservação dos bens culturais.” (ORÍÁ in BITTENCOURT, 2017, p.141)

Além disso, as ações educativas, em certa medida, precisariam estar incluídas nos currículos escolares, no sentido de se pensar o Patrimônio Cultural em conexão com a História local. Mas é de se notar, pelo menos no meu convívio com outros professores, o desconhecimento dessa metodologia, que acredito, ter um papel fundamental para se compreender o processo identitário dos estudantes. Pois o professor, utilizando-se da metodologia de Educação Patrimonial:

A partir da **experiência** e do **contato direto** com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados[...] busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de **conhecimento, apropriação e valorização** de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num **processo** contínuo de **criação cultural**. (HORTA, 1992, p.6)

A pesquisa foi fundamentada teoricamente no Patrimônio Cultural, Memória, Lugares de Memória, História regional/local, Educação Histórica, Parâmetros Curriculares Nacionais de História (PCN,s), Diretrizes Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso. Isso porque é preciso aprofundar as discussões sobre estas categorias para uma melhor compreensão das ações didáticas.

Assim, a ação didática com o Patrimônio Cultural, utiliza-se de um material didático em forma de roteiro, que culminou em outro material em formato de livro, como contributo aos professores. A pretensão em realizar a ação didática previu alguns encaminhamentos prévios com o professor, no intuito de conscientizá-lo acerca da necessidade de ter no currículo escolar a discussão sobre o Patrimônio.

### **AÇÃO DIDÁTICA EM SALA DE AULA**

No mês de novembro de 2017, iniciamos as ações, encaminhando com o professor(a) de História de uma Escola Estadual de Rondonópolis-MT, o roteiro

didático,<sup>2</sup> sobre o que e como abordar a temática do Patrimônio Cultural. Visando relacionar com o currículo, nas turmas do 3º ciclo de formação humana, que compreendeu o 7º ano A e 7º ano B do ensino fundamental. E também pontuamos sugestões de leituras e atividades para serem desenvolvidas objetivando a apropriação pelos estudantes.

Assim, na ação didática proposta em sala de aula, o professor utilizou-se de 4 aulas para trabalhar com os alunos, iniciando com questões sobre o local de vivência dos estudantes. E, em seguida, sensibilizando em relação aos conceitos de Patrimônio Cultural: material e imaterial, memória, lugares de memória, tombamento e registro e com uma atividade prática que contribuiu para apreensão do que foi desenvolvido. E ainda, realizando a preparação para saída de campo, que teve como foco os aspectos do Patrimônio Cultural da cidade de Rondonópolis-MT.

Essa característica da aula, denominada de aula-oficina, fundamentou-se na concepção proposta por Isabel Barca: “Neste modelo, [aula-oficina] o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação.” (BARCA, 2004, p.144)

Durante a aula em sala, na ação didática, o professor de História fez uso do roteiro proposto na seguinte sequência: 1º passo – Introdução com questões aos estudantes sobre: Questão 1 - Que lugares e manifestações culturais consideram importantes no bairro ou região? E, questão 2 – Porque consideram os locais e/ou manifestações culturais importantes?

Observamos que nas respostas das crianças, identificaram, mesmo sem um conhecimento prévio dos conceitos, os lugares de memória que fazem parte de suas vivências. A maioria fez menção de bens de natureza material, e ainda, de forma quase imperceptível o imaterial, através das feiras realizadas nos bairros, enquanto espaço de diversas manifestações culturais. Demonstrando com isso que o: “[...] patrimônio cultural é algo vivo e dinâmico, além de indicar que nem tudo que é antigo constitui um bem patrimonial, mas somente aqueles dotados de sentido de pertença e identidade, ou seja, de um valor cultural mais amplo.” (PELEGRINI,2009, p.40)

---

<sup>2</sup> Esse roteiro didático foi utilizado como base para experiência, e é parte do orientativo didático produzido, contendo informações sobre a metodologia da Educação Patrimonial e dos lugares a serem estudados.

Com essa atividade, os estudantes começaram a observar melhor o que está ao seu entorno, sendo possível reconhecer os lugares que consideram importante, que são constituídos de memórias e podem, com isso, aprender a ter um olhar mais crítico e respeitar o meio em que vive, pois, de acordo com Marcelo Fronza:

[...] a investigação da localidade em que os estudantes vivenciam os ajuda na análise dos diferentes níveis da realidade econômica, política, social e cultural, tematizando, assim, as problemáticas advindas de suas experiências a serem narradas. [...] também facilita o estabelecimento de continuidades e diferenças em relação às evidências de mudanças, conflitos, permanências na comunidade em que os estudantes vivem. (FRONZA,2016, p.179)

Deste modo, ainda na primeira etapa, posterior às questões iniciais, foi desenvolvido com os estudantes, com base no roteiro didático, os conceitos de: Memória, Lugares de Memória, Patrimônio material e imaterial, Tombamento e registro, oportunizando-os ao desenvolvimento da aprendizagem histórica ligada a realidade social das crianças, fator essencial para vivência consciente do indivíduo em sociedade.

2º Passo: Análise de um artesanato produzido na comunidade, solicitando aos alunos a observação e descrição e o que gostariam de saber em relação ao que não estava explícito.



Figura 1 - Artesanato produzido por artesã local e alunos fazendo análise.  
Fonte: O autor

Em aulas posteriores ao 1º passo da ação didática, em ambas as salas, 7º ano A com um total de 18 alunos, quantidade um pouco inferior do que na primeira parte da ação didática, e no 7º ano B, 27 alunos, divididos em duplas, tendo um a mais, com o tempo de 2 aulas. E em cada uma delas foi proposto aos alunos a análise de um objeto – boneca – (Figura 1), um artesanato produzido por uma moradora do bairro que se encontra a escola. A intenção era trabalhar com patrimônio imaterial, pois, através dessa experiência, contribuir para que os estudantes percebam os bens patrimoniais imateriais em seu cotidiano, valorizando o contato e a manutenção destas ações em seu bairro.

Ao analisar um objeto, Maria de Lourdes Horta destaca que: “A habilidade de *interpretar* os objetos e fenômenos culturais amplia nossa capacidade de compreender o mundo. Cada produto da criação humana, utilitário, artístico ou simbólico, é portador de sentidos e significados, cuja forma, conteúdo e expressão devemos aprender a *ler* ou decodificar.” (HORTA,1999, p.09)

Desta forma, a atividade prática de análise do objeto foi elaborada tendo em vista duas questões: 1ª - Observação e descrição do objeto; 2ª – O que gostaria de saber sobre o objeto e que não lhes estava explícito?

Assim, as respostas para ambas as questões foram analisadas segundo as categorias de análise propostas no Guia de Educação Patrimonial - Materiais/físicos, Função/uso, Forma/desenho e Valor/significado - pois através das categorias elencadas, teria a compreensão dos aspectos materiais e imateriais do Patrimônio Cultural. Nas narrativas dos estudantes, constatou-se que nessa atividade, deram bastante destaque aos aspectos físicos e materiais do objeto analisado, como colocado pelas crianças:

“*A boneca é feita de vidro*”, “*peito de isopor*”, “*os braços de argila*”, mas também a forma e desenho foram elencados: “*vestido vermelho, amarelo, verde, azul*”, “*lenço na cabeça*”, e a função: “*boneca*”, “*artesanato*” e em razoável proporção destacaram o significado: “*representa uma mulher negra*”, “*representação de uma boneca africana*” e até foi descrito que “*parece uma escrava*”.

Diante das respostas, caberia ao professor problematizar essa compreensão e também o porquê de ser uma boneca africana. Logo, questionando os estereótipos do “Brasil branco”, presente em muitos dos brinquedos das crianças. Assim, compreendo que uma ação didática com objetos relacionados a produção cultural imaterial de uma sociedade em sala de aula, pode possibilitar “[...] o exercício de alargamento do nosso ser

no mundo, da experiência de viver a historicidade do ser que dá existência a nós e ao mundo, em suas múltiplas ligações. ” (RAMOS,2016, p.74)

Logo, o intuito era que seus alunos entendessem o lugar de suas vivências, e passassem a valorizar e também fazer a crítica surgida do “olhar contemplativo” e do “olhar de curiosidade”, que partiria para um momento mais científico dessa relação de ensino aprendizagem (BITTENCOURT,2009, p.355), de ir mais afundo nas questões que perpassam a construção desses lugares de memória da região. Desse modo, as dúvidas que surgiram, foram em relação aos aspectos materiais, levando-nos a compreender, que para vários deles, isso ainda não estavam tão claro.

Compreendo, que a partir dessas questões elencadas pelos alunos, surge a possibilidade de iniciar propostas a partir do olhar deles, relacionando-os com o currículo, no sentido de problematizar muitos dos preconceitos surgidos na sociedade e até mesmo ambiente escolar. Além disso, essa experiência em sala de aula demonstrou que podemos estudar a realidade local em relação com a global, visualizando situações do dia a dia em conexão com o que acontece em outros lugares.

### **ACÇÃO EDUCATIVA EM SAÍDA DE CAMPO**

A partir das discussões e oficina didática com os estudantes em sala de aula sobre o Patrimônio Cultural, ocorreu saída de campo ao espaço central da cidade com intuito de estimular a observação, introduzir a discussão e sensibilizá-los em relação ao meio ambiente que os rodeia. Foram elencados alguns lugares: Casario Marechal Rondon, Correio Velho, Cine Meridional/Cine Rondon, Escola EEMOP, Praça Brasil, Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, Escola Sagrado Coração de Jesus e Museu Rosa Bororo e conseqüentemente elaborado um questionário guia. O objetivo com o questionário guia foi de perceber o contato dos estudantes com as fontes históricas, entendendo-as como bens patrimoniais, bem como dar a eles a tarefa de entrevistar pessoas que fazem parte da vivência daquele espaço.

Nesse sentido, para que tivéssemos um melhor aproveitamento do tempo, decidimos por dividir as salas em grupos de 3 a 4 estudantes. Possibilitamos a cada grupo a oportunidade de ter um nome fictício. O intuito era que agissem como “mini pesquisadores”, sendo que apenas um deles não atribuiu nome, por isso será citado como “sem nome”. Dada a importância da saída de campo, Helena Pinto destaca:





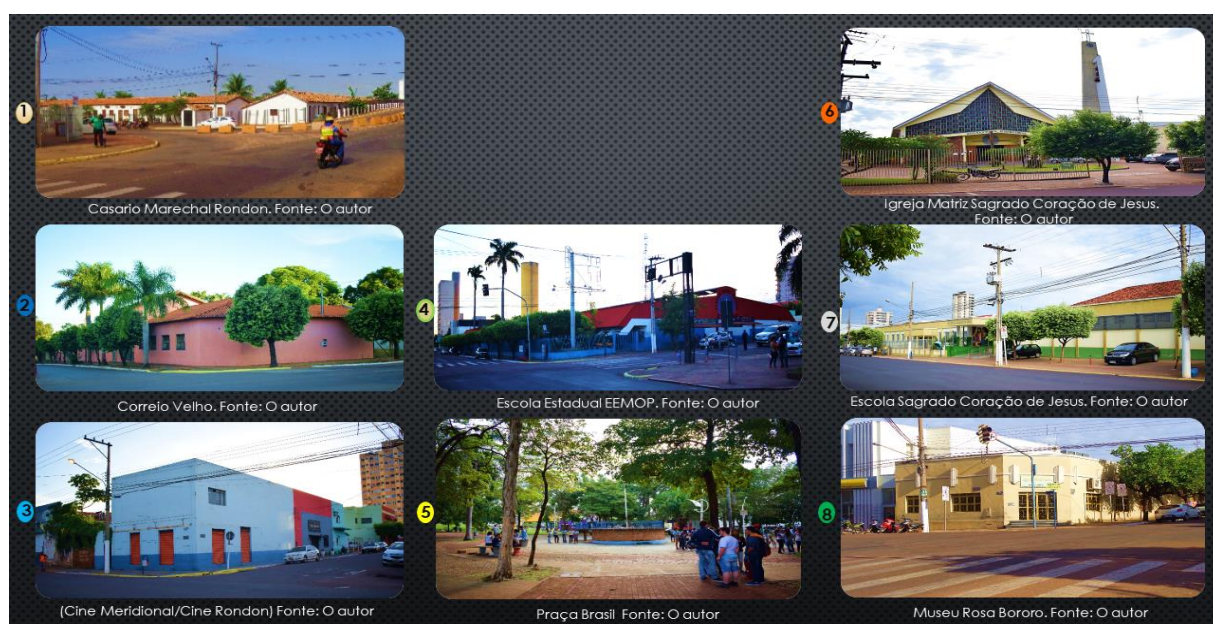


Figura 3 - Lugares que fizeram parte do roteiro de saída de campo – ano 2018  
Fonte: O autor.

Com base na proposta da ação educativa em saída de campo, iniciamos no Casario Marechal Rondon nosso roteiro, em que os estudantes ficaram encantados ao visualizarem seus aspectos, estes relatados em suas narrativas. O Casario, foi um dos marcos iniciais do povoamento da região, não especificamente a edificação, mas o espaço em que ela se encontra, pois por ali teriam chegado os primeiros colonos, nos idos de 1902. A partir de 1930 se efetivou a edificação, com uma casa, e na década de 1950, começa a ampliar-se, e nas décadas posteriores, finaliza-se a edificação, tendo um total de 15 casas, em formato de L.

Portanto, diante da proposta de análise sobre a edificação patrimonial, na saída de campo com os estudantes, em vista do espaço e de sua significância, questionamos – Questão 1: Observando esta edificação, o que vocês identificam como importante neste Casario? No intuito de compreender o entendimento/conhecimento das crianças sobre o Casario Marechal Rondon. Nesse sentido, a partir do que já havia sido estudado em sala de aula sobre os conceitos referentes ao Patrimônio Cultural: material e imaterial, memória, lugares de memória, tombamento e registro, procurei identificar em suas narrativas os aspectos trabalhados.

Diante das narrativas, nota-se que as crianças identificaram os artesanatos como elementos pertencentes ao Casario, que remetem a noção que tem sobre a edificação, mas

ressaltam também outros elementos que compõem o Casario: paisagem natural, as salas, tijolos, lugar para descansar e casa da bruxa. A proposta de análise fundamentou-se a partir das narrativas, que de acordo com Isabel Barca:

[...] através da narrativa tem sido possível conhecer as concepções dos sujeitos (alunos, inclusivamente) sobre, a) *significados* atribuídos ao mundo presente e passado. b) sentidos de *mudança* (progresso ou declínio linear ou complexo, dialética, ciclo, permanências ou rupturas), c) papel da História na *orientação temporal* (relações entre passado, presente e expectativas de futuro) no plano coletivo e no plano individual (como se posiciona o *sujeito* na História?), d) valores de *(inter)culturalidade* em situações de diálogo, de tensão ou de conflito[...] (BARCA, 2012, p.40-41)

Assim, as narrativas das crianças foram analisadas dentro das categorias propostas pelo professor francês Hugues de VanneBoham, que nos remete a três categorias do Patrimônio Cultural - material, imaterial e ambiental -: a do Patrimônio material ou “bens culturais”, que “engloba toda sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer. ” (LEMOS, 2013, p.10) Esta definição de Patrimônio material é a mais destacada pelos estudantes quando citam a edificação e o monumento – “*As salas, os tijolos das salas que foram construídas, e a estátua.* ” (ESTUDANTES W.E.)

Outra categoria de análise foi a do Patrimônio imaterial ou “do conhecimento”, que “[...]refere-se ao conhecimento, as técnicas, ao saber e ao saber fazer. São elementos não tangíveis[...].” (LEMOS, 2013, p.9), quando os estudantes fazem menção dos artesanatos e pintura - o saber-fazer – “*Os artesanatos, as pinturas.* ” (ESTUDANTES W.E.)

E por fim, a categoria do Patrimônio ambiental ou “meio ambiente”, que são “[...] os recursos naturais, que tornam o sítio habitável. Nesta categoria estão, por exemplo, os rios, os seus peixes[...].” (LEMOS, 2013, p.8), pois as crianças se referiram em vários momentos a vegetação, paisagem e clima – “*Natureza.* ” (VEM COM OS TRUTA)

Com a intenção de problematizar as discussões sobre a edificação enquanto Patrimônio Histórico e Cultural, e compreender como os estudantes visualizam o passado, presente e futuro e os relacionam, propomos análise das imagens.

Na segunda questão, no subitem a: Que diferenças e/ou semelhanças percebes entre elas e o atual? Faz referência a dois períodos do Casario Marechal Rondon, que

remetem as décadas posteriores a construção da casa inicial, uma da década de 1950/1960 e a outra da década de 1990, formando o L da edificação em contraponto com o do momento da pesquisa (2017) e as suas transformações, no período pós tombamento enquanto Patrimônio Histórico.

Ainda na mesma questão, no subitem b: Será que funções do Casario são as mesmas no passado e no presente? Pontuamos com os estudantes sobre a função do Casario. Questionamos se as funções eram as mesmas no passado e presente. Visando, com isso, perceber as interpretações dos estudantes sobre o Casario como um bem cultural da cidade e as mudanças e rupturas no tempo histórico.

Assim, procuramos analisar conforme as categorias de análise histórica, baseados na didática da história, que nos dá a possibilidade de perceber indícios do desenvolvimento das competências narrativas de experiência, interpretação e orientação nos estudantes, tendo em vista que “A competências narrativa se entende aqui como a habilidade para narra uma história pela qual a vida prática recebe uma orientação no tempo” (RÜSEN,2011, p. 74)

Desse modo, nas narrativas das crianças, observamos indícios das competências narrativas. Temos essa compreensão a partir dos estudos de Jörn Rüsen, que destaca como sendo características presentes nas narrativas históricas, sendo que geralmente a mais presente é a perceptiva. Enquanto que as competências de interpretação e orientação são observadas a partir de percepções mais avançadas de interpretação da realidade.

As competências de percepção, interpretação e orientação, não são separadas, mas se integram, constituindo-se estágios da aprendizagem histórica, tais que são concebidas da seguinte maneira:

*A competência perceptiva ou embasada na experiência* consiste em saber perceber o passado como tal, isto é, em seu distanciamento e diferenciação do presente (alteridade histórica), em vê-lo a partir do horizonte de experiências do presente como um conjunto de ruínas e tradição. *A competência interpretativa*, consiste em saber interpretar o que temos percebido como passado em relação e conexão de significado e de sentido com a realidade [...] *competência de orientação* consiste em admitir e integrar a “História” como construção de sentido com o conteúdo de experiência do passado, no marco de orientação cultural da própria experiência de vida. (RÜSEN,2011, p.114)

A partir dessa concepção, compreendemos que a maioria dos alunos consideram que a mudança ocorre numa sequência progressiva ao longo do tempo e veem o passado

como deficitário ou como um “conjunto de ruínas” ao compará-lo com o presente, tendo nisso a competência perceptiva, isso é possível detectar nas expressões: “*antigamente, tinha cavalo, tinha mato, sujeira. E agora é limpo e com artesanato e vendas.*” (HIST).

Mas, pode-se notar nas narrativas aqueles que percebem a mudança num sentido de diversidade, ritmos de mudança, tendo indícios do desenvolvimento da competência interpretativa, como na narrativa: “*Porque antes morava gente depois com as gerações foi mudando as moradias virou comércio.*” (ENVESTIGADORES)

E também nas observações, um dos grupos vai um pouco mais além, com forte sinal do desenvolvimento da competência de orientação, entendendo que é preciso valorizar para usufruto das gerações futuras: “*Porque hoje é um centro cultural, que eles tentam preservar aquilo que existiu, um dia, porque a arte é vida tem que mostrar para o mundo que ainda existe*” (WINS). Conforme Francisco R. Ramos, compreender esse processo, se dá por “Conhecer o passado de modo crítico significa, antes de tudo, viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e pode ser diferente.” (RAMOS,2016, p.16)

As narrativas dos estudantes remontam a importância de estudar e valorizar esse espaço, pois o Casario representa o marco inicial da cidade de Rondonópolis, sendo assim, enquanto Patrimônio Histórico de grande importância, bem como a região que o permeia. Mesmo passando por períodos de desvalorização, hoje constitui-se como sendo um lugar de memória essencial para se compreender o processo histórico dessa cidade.

Há a necessidade de proporcionar à sociedade e às crianças nas escolas mais conhecimento desse e de outros espaços que fazem referência ao início da cidade, pois durante a saída de campo com os estudantes, notamos que não haviam placas indicativas explicando o processo histórico do Casario. Assim, com a ausência de informações para a sociedade, pode perder-se em meio a outras histórias da cidade.

Após esse período que passaram no Casario Marechal Rondon, os estudantes, juntamente com os professores, caminharam no roteiro proposto.

### **PROPOSIÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO**

Com base nas concepções sobre o patrimônio cultural, memória, lugares de memória e História regional/local e ancorados na metodologia da Educação Patrimonial, bem como a partir da experiência de ação didática realizada tanto em sala de aula, quanto

na saída de campo, como os estudantes dos 7º anos do ensino fundamental, apresentamos o material didático<sup>3</sup>, que tem como público alvo, os professores e alunos da Educação Básica.

Considerando que é um material básico, é sugestivo para ações didáticas no contexto do Patrimônio Histórico e Cultural, que podem ser relacionados ao currículo em diversos momentos do ano letivo com estudantes do 3º ciclo de formação humana, que compreende 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental, mas também em outras etapas de ensino.

O material didático foi elaborado, levando em consideração as Diretrizes Curriculares Nacionais, Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares do Estado de Mato Grosso, no que diz respeito ao estudo do meio, a História local e o Patrimônio Cultural, bem como a metodologia da Educação Patrimonial.

Denominado *Patrimoniar*, foi desenvolvido baseando-se na experiência realizada com os estudantes dos 7º anos do ensino fundamental de uma Escola Estadual de Rondonópolis-MT. A experiência para fundamentação do material que foi realizada, possibilitou compreender algumas situações que precisam ser melhor trabalhadas nas escolas, que dizem respeito às vivências dos estudantes e os lugares de memória que vão se constituindo e que em muitos casos não são relacionados aquela comunidade a que pertencem.

Contém em seu conjunto, a introdução ao material, a metodologia da Educação Patrimonial, o roteiro didático utilizado em sala de aula e na saída de campo e ainda um breve histórico da cidade e de cada um dos lugares de memória elencados para saída de campo e propostos no roteiro didático e algumas sugestões de atividades que podem ser realizadas a partir desses espaços, e por fim, a bibliografia utilizada, que pode contribuir para pesquisas do professor e aprofundamento da temática.

Portanto, o processo de pesquisa, tanto em sala de aula quanto na saída de campo, foi de fundamental importância para compreender a aprendizagem histórica dos estudantes, observando que, a partir da realidade dos estudantes podemos desenvolver uma conexão com questões globais e com conceitos pertinentes aos estudos históricos.

---

<sup>3</sup> Este material didático apresenta-se em forma de um guia educativo ou orientativo didático para ser utilizado pelos professores de História e áreas afins.

Constituindo-se também como ferramenta diagnóstica, a proposta didática é sugestiva para compreender algumas noções que os estudantes possuem sobre determinados assuntos, que estão diretamente ligados a vivência deles. E, partindo deles, o professor trazer subsídios teóricos e metodológicos como contributo para o esclarecimento e visualização de diferentes concepções presentes na sociedade.

Essencial para se discutir a História local, seja da cidade, seja do próprio bairro, levando em consideração as questões que lhes são peculiares e que podem ser um pontapé inicial para a resolução de situações de ordem social. Sendo que sua utilização não está limitada a data comemorativa do aniversário da cidade, podendo ocorrer em diferentes momentos do ano letivo e do currículo escolar.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. Para uma educação de qualidade: **Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/167018128/Aula-Oficina-Isabel-Barca>

BARCA, Isabel. Ideias chave para a educação histórica: uma busca de (inter)identidades. **História Revista**. V.17, nº 1, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/21683/12756>

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos**. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FRONZA, Marcelo. A cultura histórica como possibilidade investigativa da educação patrimonial nas aulas de história. Fronteiras: **Revista de História**, Dourados-MS, v.18, nº. 31, p.169-185, jan-jun. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou, São Paulo: Centauro, 2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina e MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

ORÍÁ, José Ricardo. Educação Ambiental ou Educação Patrimonial: A dimensão histórico-cultural no currículo escolar. In BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.) **O saber histórico na sala de aula** – 12º ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017, p.141.

PELEGRINI, Sandra Cássia Araújo. **Patrimônio Cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PELEGRINI, Sandra Cássia de Araújo. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.26, n.51, jan./jun. 2006, p.125-126. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000100007)>.

PINTO, Maria Helena Mendes Nabais Faria. O triângulo patrimônio-museu-escola: que relação com a Educação Histórica? In SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel, **Aprender História**: perspectivas da educação histórica. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Objeto Gerador. Considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. **Revista Historiar**, vol. 08, n. 14, Ano 2016,1. (pp.70,93).

ROLNIK, Raquel. História urbana: história na cidade? Cidade e história. In: **Encontro nacional da Anpur** (pp. 27-29). Salvador: UFBA/ Faculdade de Arquitetura, 1992.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In **Jörn Rüsen e o ensino de história**. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (org), Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p.74.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; GARCIA, Tânia Braga. In: **JÖRN RÜSEN e o Ensino de História**. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.